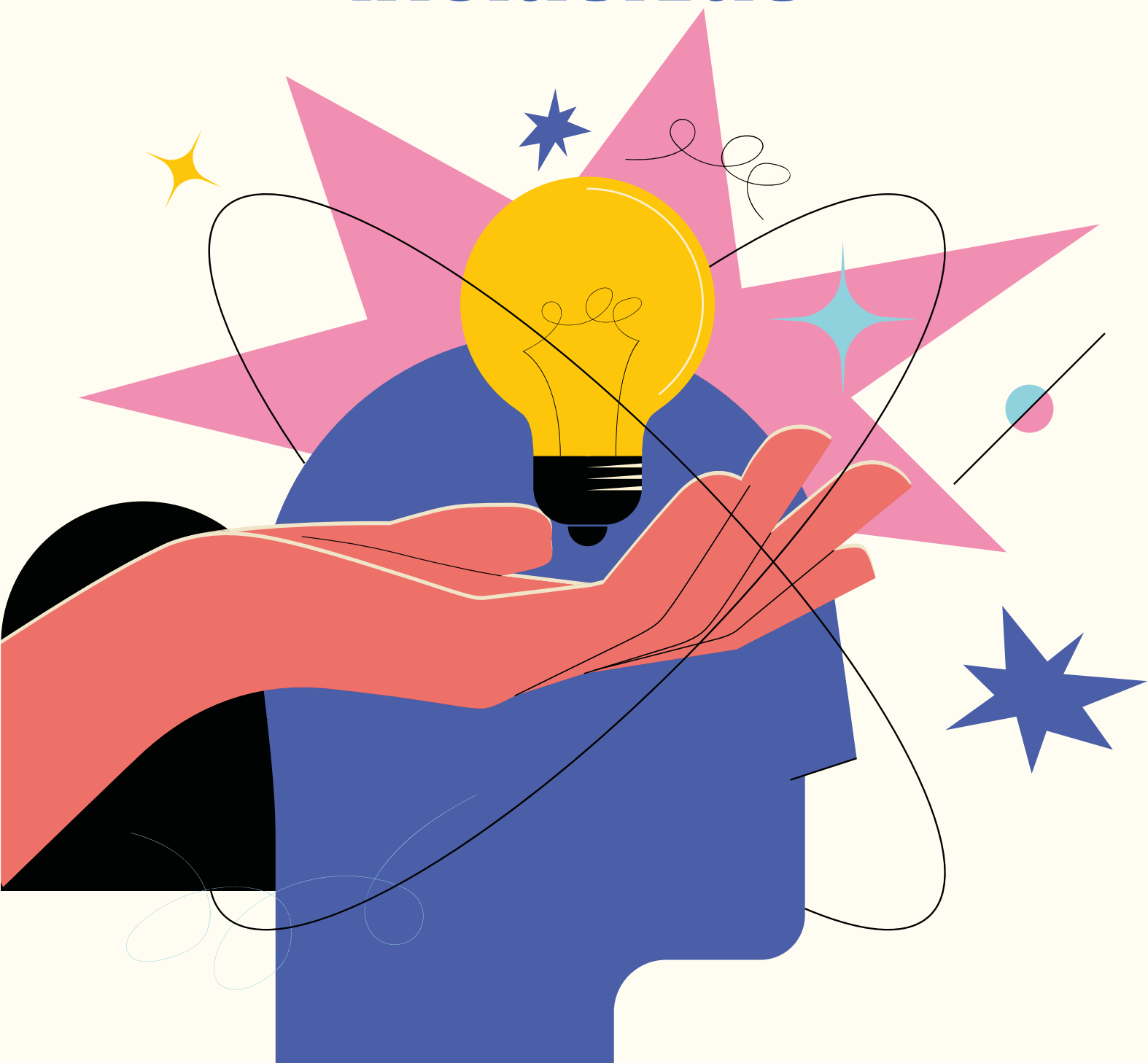


Ângela Hornes da Trindade

Caderno de Práticas Pedagógicas Inclusivas



T833

Trindade, Ângela Hornes da
Caderno de práticas pedagógicas inclusivas: trabalho
colaborativo – conectando a rede de apoio na Inclusão Escolar.
Produto educacional \ Ângela Hornes da Trindade . Ponta Grossa,
2026.
41 f. ; il.

Produto da dissertação Trabalho colaborativo: conectando a rede
de apoio na inclusão escolar (Mestrado Profissional em Educação
Inclusiva - Área de Concentração: Educação Inclusiva), Universidade
Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra..Elenice Parise Foltran

1. Educação Inclusiva. Trabalho colaborativo. Rede de apoio I. Elenice
Parise Foltran . II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação
Inclusiva. III.T.

CDD:: 371.904.6

Ficha técnica

Título:

Caderno de Práticas Pedagógicas Inclusivas: Trabalho Colaborativo – Conectando a Rede de Apoio na Inclusão Escolar

Autora:

Ângela Hornes da Trindade

Instituição:

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Programa:

Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI)

Ano:

2026

Natureza do produto:

Recurso educacional vinculado à dissertação de mestrado

Título da dissertação:

Trabalho Colaborativo: conectando a rede de apoio na inclusão escolar

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Elenice Parise Foltran

Projeto gráfico e diagramação:

Jordana Marques Pinto

Público-alvo:

Professores da educação básica, gestores escolares e profissionais da rede de apoio

Nível de ensino:

Educação básica

Área temática:

Educação Inclusiva / Trabalho colaborativo / Rede de apoio

Objetivo:

Subsidiar processos de formação continuada, promovendo a reflexão, o planejamento colaborativo e a articulação da rede de apoio na inclusão escolar.

Formato:

Caderno formativo organizado em trilhas pedagógicas

Modalidade de uso:

Formações continuadas, reuniões pedagógicas, planejamento docente e ações intersetoriais

Contexto de aplicação:

Ambiente escolar e redes interinstitucionais (educação, saúde e assistência social)

Palavras-chave:

Educação inclusiva; trabalho colaborativo; rede de apoio; formação continuada; práticas pedagógicas

Apresentação da autora

Sou Ângela Hornes da Trindade, professora, neuropsicopedagoga, pesquisadora e, antes de tudo, uma educadora comprometida com a transformação da escola em um espaço verdadeiramente inclusivo. Nascida e residente no município de Palmeira, no Paraná, construí minha trajetória pessoal e profissional no contexto da educação básica, onde atuo há mais de duas décadas.



Ao longo desses anos, a vivência cotidiana em sala de aula possibilitou-me compreender, de forma sensível e crítica, os desafios enfrentados pelos professores diante da diversidade presente nas escolas. Foi nesse percurso que emergiu o desejo de aprofundar meus conhecimentos na área da Educação Inclusiva, levando-me à realização de especializações e à ampliação do meu campo de atuação como neuropsicopedagoga.

A articulação entre a prática docente e a atuação clínica trouxe à tona uma constatação recorrente: a fragmentação das ações entre escola e profissionais da rede de apoio compromete significativamente os processos de ensino e aprendizagem. Essa inquietação tornou-se o ponto de partida para a investigação que originou este caderno, fundamentada na compreensão de que a inclusão escolar não se efetiva de forma isolada, mas por meio do diálogo, da colaboração e da construção coletiva de saberes.

Assim, este material nasce da convergência entre experiência, formação e pesquisa, especialmente a partir dos estudos desenvolvidos no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI/UEPG), que evidenciam a importância do trabalho colaborativo e da articulação das redes de apoio como caminhos potentes para a consolidação de práticas pedagógicas inclusivas.

Mais do que um produto educacional, este caderno representa um convite à reflexão e à ação. Destina-se a professores, gestores e profissionais da rede de apoio que, assim como eu, acreditam que a inclusão não é apenas um princípio legal, mas um compromisso ético, político e humano com o direito de todos à aprendizagem.

Apresentação da orientadora

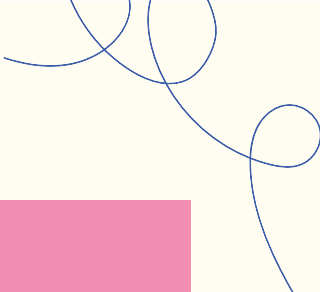
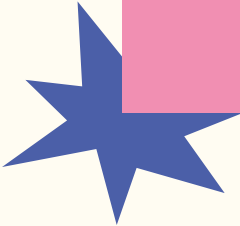


A professora Elenice Parise Foltran integra o Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), onde desenvolve uma trajetória acadêmica sólida e comprometida com a formação de professores e a consolidação de práticas educacionais inclusivas. Licenciada em Pedagogia, é Mestre e Doutora em Educação pela própria instituição, com atuação reconhecida nas áreas de Política Educacional, Currículo, Educação Inclusiva e Formação Docente.

Atualmente, é professora permanente do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI/UEPG). Exerce, ainda, a função de Coordenadora Institucional do PARFOR Equidade/UEPG, lidera o Grupo de Estudo e Pesquisa em Processos de Aprendizagem (GEP-ProA) e coordena o Laboratório Lúdico Pedagógico (LALUPE), consolidando espaços de produção científica, formação continuada e inovação pedagógica.

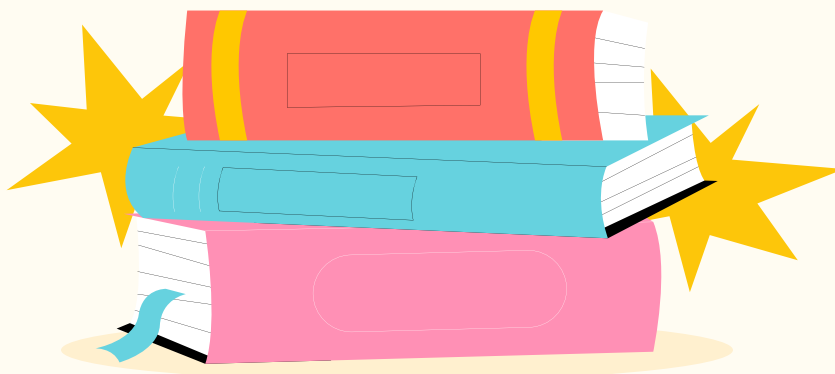
No contexto desta pesquisa, que resultou na elaboração do presente Caderno de Práticas Pedagógicas Inclusivas, sua atuação como orientadora foi fundamental em todas as etapas do processo investigativo. Seu olhar rigoroso, ético e colaborativo contribuiu decisivamente para a construção teórico-metodológica do estudo, orientando reflexões, problematizações e caminhos analíticos que qualificaram a pesquisa.

Mais do que conduzir o percurso acadêmico, sua orientação possibilitou a articulação entre teoria e prática, fortalecendo a compreensão do trabalho colaborativo e das redes de apoio como elementos centrais para a efetivação da inclusão escolar. Dessa forma, sua contribuição foi essencial para que este material se constituísse como um recurso educacional acessível, consistente e alinhado às demandas reais do contexto escolar.



SUMÁRIO

Introdução	8
Abordagem Formativa do caderno	9
Trilha 1 - Compreensões sobre inclusão, colaboração e redes de Apoio	11
Trilha 2 - Práticas, Limites e Potencialidade da Colaboração Inclusiva	22
Trilha 3 - Formação e Articulação da Rede de Apoio	28
Referências	37
Anexo 1	38



Apresentação



Este **Caderno de Práticas Pedagógicas Inclusivas** nasce do encontro entre pesquisa, prática e experiência docente, configurando-se como um material formativo vivo, construído a partir das vozes e vivências de profissionais da educação.



Mais do que um guia, este caderno é um convite: refletir, problematizar e agir. Parte-se da compreensão de que a inclusão escolar não se constrói de forma isolada, mas na articulação entre sujeitos, saberes e contextos.

Ao longo das trilhas formativas, o leitor encontrará **propostas práticas, reflexões críticas e dispositivos pedagógicos** aplicáveis à realidade escolar, fortalecendo o trabalho colaborativo e a rede de apoio.

Este material não oferece respostas prontas, mas caminhos possíveis construídos coletivamente e abertos à reinvenção.

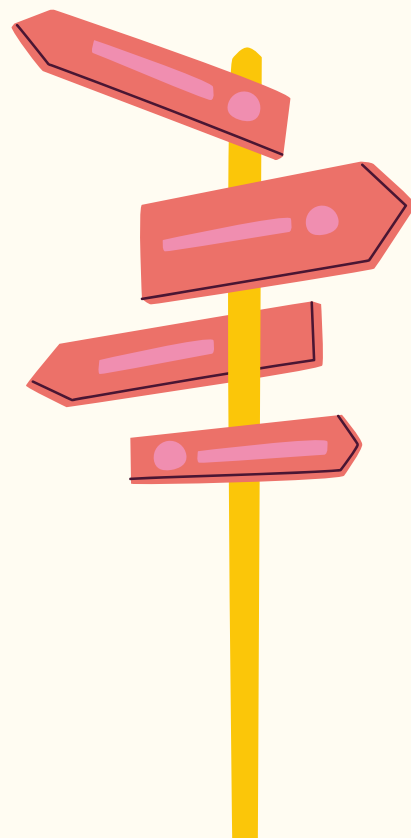
Como utilizar este caderno

Este material foi pensado para:

- ✦ Formações continuadas
- ✦ Reuniões pedagógicas
- ✦ Hora-atividade/Planejamentos
- ✦ Ações intersetoriais

Organização

- ✦ 3 trilhas formativas
- ✦ Atividades práticas
- ✦ Momentos de reflexão
- ✦ Propostas de ação



Fundamentação

A inclusão escolar é compreendida como um processo sistêmico, que envolve a interação entre sujeitos, contextos e práticas.

Inspirado na perspectiva bioecológica, este caderno parte do princípio de que:

- ✦ a inclusão acontece nas relações
- ✦ a colaboração sustenta essas relações
- ✦ a rede de apoio fortalece essas práticas

Introdução

A educação inclusiva consolidou-se, nas últimas décadas, como um princípio orientador das políticas educacionais e das práticas pedagógicas, tensionando modelos escolares historicamente marcados pela homogeneização e pela exclusão. No entanto, apesar dos avanços normativos e discursivos, persistem desafios significativos relacionados à operacionalização da inclusão no cotidiano escolar, especialmente no que se refere ao trabalho colaborativo e à articulação entre diferentes instâncias de apoio.

Estudos recentes indicam que a fragilidade das práticas inclusivas está frequentemente associada à fragmentação das ações pedagógicas, à ausência de espaços institucionais de planejamento coletivo e às lacunas na formação inicial e continuada dos profissionais da educação. Parte-se da compreensão de que tais fragilidades não decorrem de insuficiências individuais dos docentes, mas de condicionantes institucionais, organizacionais e políticos que atravessam o fazer pedagógico.

Neste contexto, o presente caderno fundamenta-se na teoria bioecológica do desenvolvimento humano, assumindo que a inclusão escolar resulta da interação dinâmica entre sujeitos, processos, contextos e temporalidades. Este referencial orienta a escolha metodológica das trilhas formativas, entendidas como dispositivos que promovem a análise crítica do cotidiano escolar, a produção de conhecimento pedagógico situado e a projeção de ações colaborativas inclusivas.

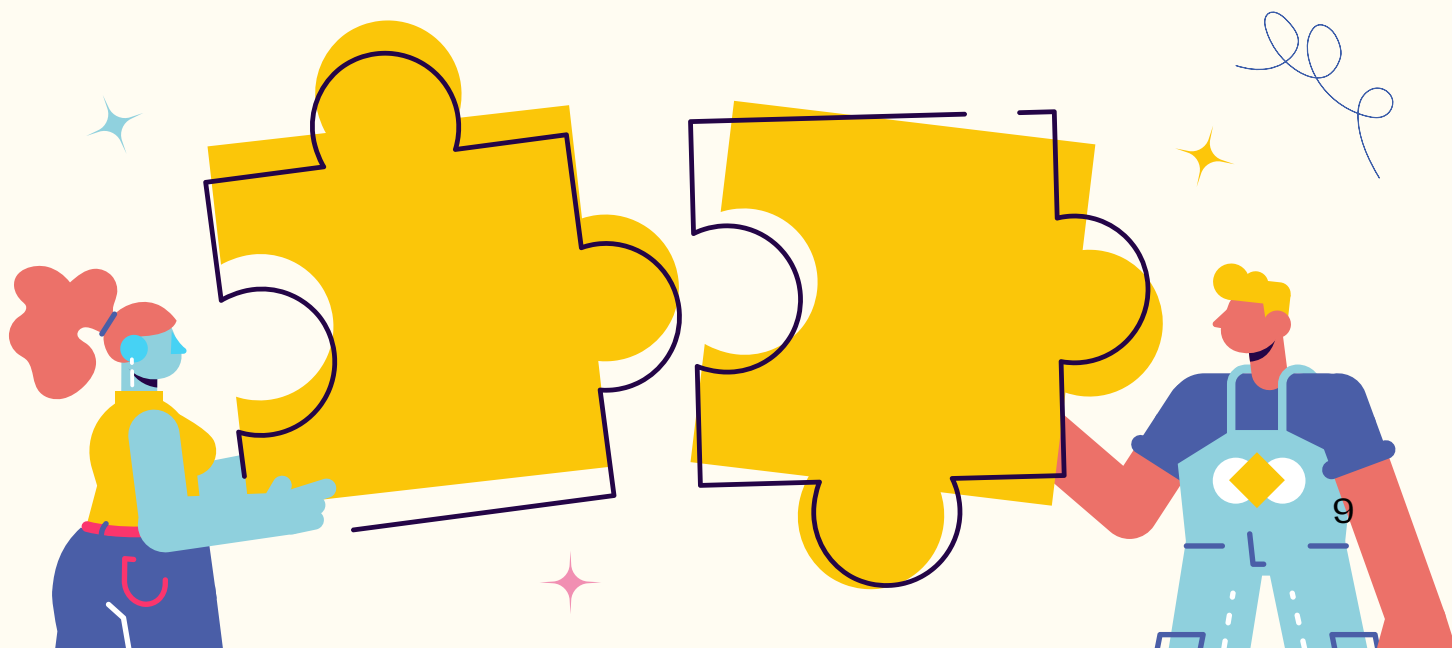
A estrutura do caderno organiza-se em três trilhas de planejamento pedagógico inclusivo, concebidas como percursos formativos articulados e progressivos. Cada trilha articula reflexão teórica, análise institucional e planejamento colaborativo, fortalecendo práticas inclusivas sustentáveis e a consolidação de redes de apoio no âmbito escolar.

Abordagem formativa do caderno

Este caderno fundamenta-se na perspectiva da formação continuada crítica e colaborativa, compreendida como um processo situado, coletivo e reflexivo, que se constrói no interior das práticas educativas. Diferentemente de modelos transmissivos, a proposta formativa aqui apresentada valoriza a experiência dos profissionais, a problematização do cotidiano escolar e a produção coletiva de conhecimento pedagógico.

As trilhas formativas organizam-se como dispositivos de mediação que articulam reflexão, análise e ação, possibilitando que os participantes revisitem suas práticas, identifiquem desafios concretos e construam, de forma colaborativa, estratégias de enfrentamento. Nesse sentido, o caderno aproxima-se de abordagens de pesquisa-formação, nas quais formação e investigação se entrelaçam, favorecendo processos de desenvolvimento profissional contínuo.

A centralidade do trabalho colaborativo e da rede de apoio reforça a compreensão de que a inclusão escolar não depende de ações isoladas, mas da construção de espaços coletivos de diálogo, planejamento e corresponsabilidade.



TRILHA 1

Compreensões sobre
Inclusão, Colaboração e
Redes de Apoio

TRILHA 2

Práticas, Limites
e Potencialidades
da Colaboração
Inclusiva

TRILHA 3

Formação e Articulação da
Rede de Apoio

Trilha 1

Compreensões sobre Inclusão, Colaboração e Rede de Apoio

A inclusão escolar é mais do que uma diretriz: é um compromisso ético, político e afetivo com o direito de todos à aprendizagem.

Nesta trilha, somos convidados a revisitar nossos entendimentos sobre o que significa incluir, colaborar e construir redes de apoio que sustentem práticas pedagógicas equitativas.

Primeiros passos para reconhecer a diversidade como potência



Escuta ativa



Acolhimento



Diálogo

Ao reunir profissionais da educação e da saúde, esta trilha **reforça o caráter intersetorial da inclusão** e nos convida a olhar para os **diferentes sistemas que influenciam o cotidiano escolar** — da sala de aula às políticas públicas.

Por meio de dinâmicas sensíveis e reflexões coletivas, vamos:

Acessar os sentidos atribuídos à escola inclusiva



Revisitar marcos legais



Reconhecer as instituições que compõem a rede de apoio.



Que esta trilha seja um espaço fértil para semear compreensões, fortalecer vínculos e ampliar horizontes.

Momento de reflexão:

“O que me trouxe até aqui?”

Refletir sobre inclusão, colaboração e rede de apoio é mais do que pensar em conceitos: é reconhecer experiências que moldam nossas trajetórias. A pergunta “O que me trouxe até aqui?” abre espaço para que cada pessoa se conecte com sua própria história, marcada por encontros, desafios e aprendizados.

Ninguém caminha sozinho. Há sempre pessoas, situações e valores que sustentam e impulsionam cada passo. Um aluno que inspira, uma circunstância que desafia, uma rede de apoio que fortalece, ou o desejo profundo de construir uma escola mais inclusiva e humana — tudo isso compõe os caminhos que nos conduzem.

Ao compartilhar histórias, percebemos que a inclusão ultrapassa a dimensão pedagógica: ela se revela como postura de vida. É reconhecer que cada pessoa importa, que cada voz tem valor, e que juntos formamos uma rede capaz de transformar realidades.



Essa reflexão nos lembra que a educação se constrói na colaboração, no apoio mútuo e na esperança. O que nos trouxe até aqui também nos impulsiona a seguir adiante, abrindo caminhos de pertencimento e inclusão, sempre renovados pela força coletiva que nos une.

Compreensões sobre inclusão, colaboração e redes de Apoio

Objetivo da Trilha:

Fortalecer a compreensão da inclusão como um processo relacional, sistêmico e colaborativo, reconhecendo a rede de apoio como elemento essencial para práticas pedagógicas efetivas.

Vamos começar!

- ✦ O que significa inclusão na sua prática?
- ✦ Quem faz parte da rede de apoio da sua escola?

1. Abertura Intersectorial: Vozes que Sustentam a Rede

Convide representantes da Secretaria de Educação e da Secretaria de Saúde (ou profissionais da rede) para participar. Este momento amplia a compreensão de que a inclusão não é responsabilidade exclusiva da escola, mas resultado de uma ação articulada entre diferentes setores.

Na perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, esse movimento evidencia o exossistema, ou seja, contextos que impactam diretamente a prática pedagógica, mesmo sem a participação direta do professor.

Isso significa que a escola não pode atuar isoladamente, que a rede de apoio precisa ser reconhecida e ativada e que a inclusão exige corresponsabilidade institucional.

[Acesse e conheça Urie Bronfenbrenner](#)



2. Roda de Conversa: Escuta e Acolhimento

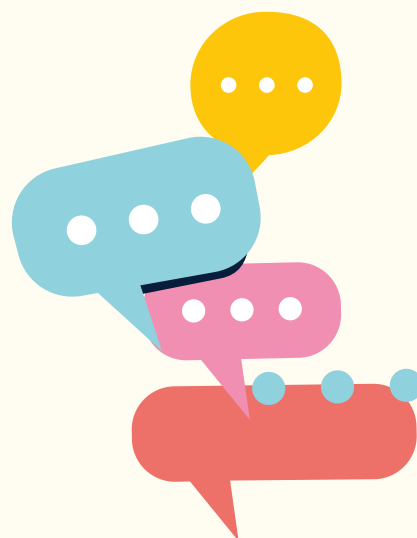
Este é um momento de escuta, acolhimento e construção de vínculos.

A proposta é simples: cada participante compartilha uma experiência que marcou sua trajetória na educação inclusiva.

Ao compartilhar experiências, criamos conexões e fortalecemos o grupo.

Na perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, esses momentos ativam os chamados processos proximais: interações que promovem aprendizagem, desenvolvimento e construção de sentido.

Mostrando que aprendemos nas relações, que a inclusão se constrói no encontro com o outro e que cada trajetória contribui para a formação coletiva.



DICA:

Roda de conversa: “O que me trouxe até aqui?”

Cada participante compartilha uma experiência marcante relacionada à inclusão.

Pode ser:

- uma vivência com um aluno
- um desafio enfrentado
- uma aprendizagem significativa
- ou uma inquietação profissional



A inclusão não nasce da técnica: nasce das relações!

Momento de reflexão:

- ✦ O que essas histórias têm em comum?
- ✦ A inclusão aparece como prática individual ou coletiva?

3. Nuvem de Palavras: Sentidos da Inclusão

Essa atividade permite visualizar como cada pessoa entende a inclusão.

Ao observar a nuvem, percebemos que diferentes ideias, expectativas e experiências aparecem ao mesmo tempo.



[Acesse o QRCode para a Nuvem de Palavras](#)

Isso nos mostra que:

- não existe uma única forma de compreender a inclusão
- convivem diferentes visões (teóricas e práticas)
- a realidade da escola influencia diretamente essas percepções

Pare, pense

Há mais palavras positivas ou desafiadoras?

A inclusão aparece como ideal ou como prática real?

Agora, compartilhe com o grupo!

4. Conectando com a teoria

Neste momento, vamos retomar alguns fundamentos que sustentam a educação inclusiva no Brasil.

Mais do que conhecer leis, o objetivo é compreender como essas diretrizes impactam o cotidiano da escola. A educação inclusiva é mais do que um conjunto de normas. Ela se constitui como um projeto político-pedagógico, que envolve: o direito de todos à educação, a valorização da diversidade e a busca por equidade e justiça social

Nesse sentido, as legislações e políticas públicas orientam o trabalho escolar, mas é na prática cotidiana que a inclusão se concretiza.

Linha do tempo da inclusão escolar no Brasil

1988 - Constituição Federal

Educação como direito de todos; Atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino



1994 - Declaração de Salamanca

Escolas inclusivas como meio de combater discriminação e valorizar a diversidade

1996 - LDB 9394/96

Regulamenta a educação nacional; prevê serviços de apoio e adaptações curriculares



2008 - Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva

Matrícula em classes comuns; Criação do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

2015 - Lei Brasileira de Inclusão

Matrícula obrigatória em escolas regulares sem custo adicional; Acessibilidade plena; Direito ao profissional de apoio escolar.



2025 - Nova Política Nacional de Educação Especial Inclusiva

Institui Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva; Garante AEE e profissional de apoio sem exigência de laudo; Cria o Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE).

5. Mapeando a Rede de Apoio

A escola não atua sozinha. Ela faz parte de uma rede que envolve diferentes serviços e profissionais.

Quando reconhecemos esses espaços, como a escola e os atendimentos especializados, conseguimos perceber que a inclusão acontece de forma articulada e interdependente.

Na perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: a escola representa o microssistema e os serviços especializados fortalecem o mesossistema. Ou seja, a inclusão se constrói nas conexões entre esses contextos.



Vamos praticar

Desenhe sua rede de apoio:

- No centro: o aluno
- Ao redor: profissionais
- Ligue com linhas (como se comunicam)



A inclusão se sustenta quando diferentes profissionais e serviços deixam de atuar **isoladamente** e passam a **trabalhar em rede**.

Pare, pense

Quem está mais próximo?

Quem quase não aparece?

Onde há falhas de comunicação?

Agora, compartilhe com o grupo!

6. Grupos de Trabalho: REALIDADES DA INCLUSÃO!

Agora é o momento de olhar para a prática.

Em pequenos grupos, discutam como a inclusão acontece na sua escola e registrem no quadro:



DICA DE QUADRO:

CARACTERÍSTICAS	DESAFIOS	POSSIBILIDADES
Como deveria ser?	O que impede?	O que pode mudar?

Essa atividade ajuda a organizar ideias e tornar visível a realidade vivida na escola.

Ao comparar o que idealizamos com o que realmente acontece, conseguimos identificar desafios concretos, reconhecer limites institucionais e pensar em caminhos possíveis de mudança.

A inclusão deixa de ser apenas um ideal e passa a ser analisada a partir da realidade.

7. Estudo de Caso: COLABORAÇÃO EM FOCO

Vamos analisar uma situação real?

A proposta é observar como acontece (ou não acontece) a colaboração entre profissionais da educação e da saúde.

Ao discutir o caso, é possível perceber: como os profissionais se organizam (ou não) em rede, quais estratégias colaborativas já existem e quais barreiras dificultam esse trabalho

Essas barreiras podem ser:

- estruturais (falta de tempo, organização, espaços de encontro)
- culturais (isolamento profissional, pouca comunicação, falta de diálogo)

Exemplo de Estudo de caso:

A Escola Municipal Nova Aurora, localizada em uma cidade de médio porte, recebe alunos de diferentes origens sociais e culturais, incluindo estudantes com deficiência física, intelectual e transtornos do espectro autista. A instituição assumiu o compromisso de se tornar referência em práticas inclusivas, estruturando uma rede de apoio colaborativa entre profissionais da educação e da saúde. Nesta perspectiva, propõe-se investigar quais profissionais poderiam compor essa rede e quais seriam suas principais atribuições:

Pare, pense

Quem deveria compor a rede de apoio?

Como esses profissionais poderiam atuar juntos?

O que impede essa colaboração?

Agora, compartilhe com o grupo!



Monte uma proposta de organização da rede para esse caso.

8. Dinâmica Reflexiva: “Eu levo comigo...”

Esse momento permite organizar ideias, reconhecer aprendizagens e dar sentido ao percurso vivido na trilha.

Ao compartilhar com o grupo, tornamos visíveis os aprendizados construídos coletivamente e fortalecemos o compromisso com a prática inclusiva.

Além disso, essa reflexão nos ajuda a projetar ações futuras, conectando o que aprendemos hoje com o que podemos transformar na escola.

Eu levo comigo.....

Encerramento

Agora complete:

- Hoje eu compreendi que inclusão é...
- Na minha escola, preciso mudar...

Leve para sua escola:

- ✦ Liste os profissionais da rede
- ✦ Identifique como se comunicam
- ✦ Proponha um momento de encontro coletivo

Checklist da inclusão

Sua escola:

- ☐ tem planejamento colaborativo
- ☐ registra decisões coletivas
- ☐ envolve a família
- ☐ articula com a saúde
- ☐ compartilha responsabilidades

Reflexão sobre a Trilha

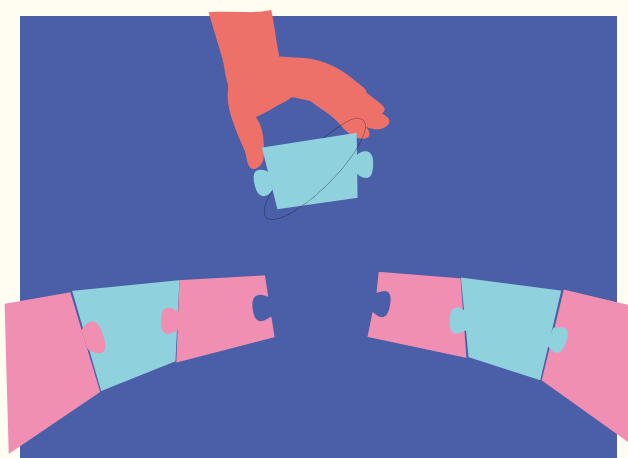
Esse modelo evidencia que a inclusão não é responsabilidade de um único profissional, mas de uma rede colaborativa que articula diferentes saberes. A prática inclusiva se concretiza quando há diálogo constante, corresponsabilidade e valorização da diversidade.



Trilha 2

Práticas, Limites e Potencialidades da Colaboração Inclusiva

A inclusão acontece no cotidiano, nos gestos, nas escolhas pedagógicas, nas relações que se constroem entre profissionais, estudantes e famílias.



Ao valorizar o trabalho em equipe, abrimos espaço para a construção de pontes entre saberes, experiências e territórios.

A colaboração não é apenas uma estratégia: é uma cultura que se aprende, se fortalece e se transforma com o tempo.

Nesta trilha, vamos:

Explorar os sistemas ecológicos que influenciam nossas práticas



Mapear desafios



Identificar caminhos possíveis

Com criatividade e escuta, construiremos painéis, murais e compromissos que revelam o que já fazemos e o que ainda podemos fazer para sustentar uma escola verdadeiramente inclusiva.



Esta trilha nos convida a investigar as práticas colaborativas já existentes, reconhecendo seus limites e potencialidades.

Momento de reflexão:

Tecendo pontes de inclusão

Iniciamos nossa trilha com um convite especial: refletir sobre como o trabalho colaborativo e as redes de apoio fortalecem a educação inclusiva. A inclusão não acontece de forma isolada; ela se constrói na união de esforços, na escuta mútua e na valorização das diferenças.

Nos reunimos para tecer caminhos de inclusão, onde cada palavra, cada gesto e cada olhar é como um fio que, entrelaçado ao do outro, forma uma rede forte e acolhedora. Ao construirmos pontes, lembramos que ninguém caminha sozinho: profissionais, estudantes e famílias se unem para atravessar desafios e celebrar conquistas.

Essas pontes não surgem prontas; elas se constroem no movimento, na escuta e na partilha. São fruto da coragem de enfrentar o novo, da disposição em aprender com o outro e da confiança de que cada passo coletivo fortalece o percurso.

Mas como serão estas pontes? Terão barreiras a superar? Haverá desvios ou caminhos alternativos? Que apoios precisarão estar presentes para que sejam firmes e seguras? Onde esta ponte irá nos levar?



Essas perguntas nos ajudam a refletir sobre os desafios e possibilidades da colaboração na prática cotidiana da escola.

Que esta trilha seja um espaço de integração, confiança e inspiração, um convite a sonhar juntos e a transformar a escola em um lugar onde todas as vozes encontram acolhimento e todas as diferenças se tornam força.



Práticas, Limites e Potencialidade da Colaboração Inclusiva

Objetivo da Trilha:

Analisar como o trabalho colaborativo acontece no cotidiano escolar, identificando seus limites e suas potencialidades, compreendendo a colaboração como uma prática que depende de organização institucional, cultura profissional e articulação entre os diferentes atores da escola.

Vamos começar!

- ✦ Onde a colaboração acontece na sua escola?
- ✦ Em quais situações ela não acontece?

1. Abertura Intersectorial: Vozes que Sustentam a Rede

A dinâmica nos ajuda a perceber que a colaboração exige conexão entre as partes, que cada profissional tem um papel importante e quando um elo falha, toda a estrutura é comprometida.

Para iniciar, realizem uma dinâmica em grupo.



SUGESTÃO Construindo pontes

Em pequenos grupos, construam uma ponte com materiais simples (papel, blocos, peças, etc.)

Cada parte da ponte deve representar um elemento da rede: professores, gestores, família, profissionais da saúde.



A colaboração não é apenas intenção, é construção coletiva.

2. Conectando com a teoria

O trabalho colaborativo pode ser compreendido a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que evidencia como os diferentes sistemas influenciam as práticas educativas.

Isso significa que a colaboração: não depende apenas da vontade individual, está ligada a condições institucionais e exige tempo, organização e espaços de diálogo

[Acesse e conheça a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano](#)



3. Painel Coletivo: Desafios e Potencialidades

Em duplas ou grupos, construam um painel com:

- principais desafios para a colaboração
- fatores que favorecem o trabalho em equipe

Utilize palavras-chave, desenhos ou esquemas.

Pare, pense

O que aparece com mais frequência?

Os desafios são mais estruturais ou relacionais?

Existem práticas que já funcionam e podem ser ampliadas?

Agora, compartilhe com o grupo!

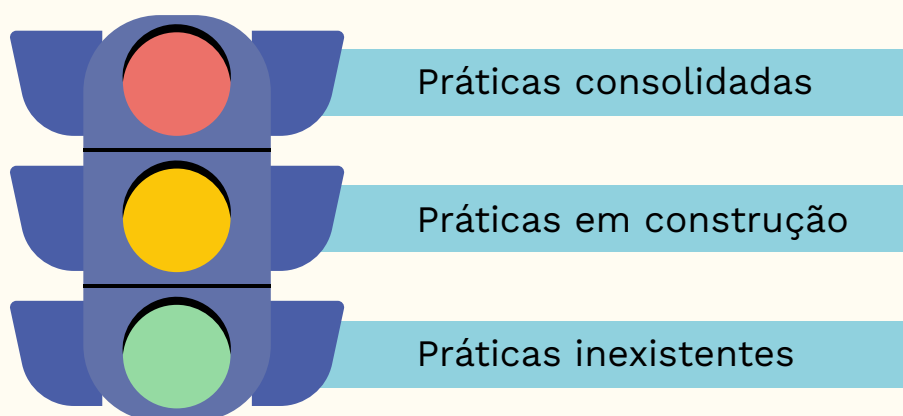


4. Dinâmica “Semáforo da Inclusão”: análise crítica das práticas

Essa atividade ajuda a visualizar o estágio atual da escola, identificar prioridades e orientar decisões pedagógicas

Mais do que avaliar, é um momento de tomada de consciência.

Classifique as práticas da sua escola:



5. Carta ao futuro

Esse momento conecta presente (reflexão) e futuro (ação).

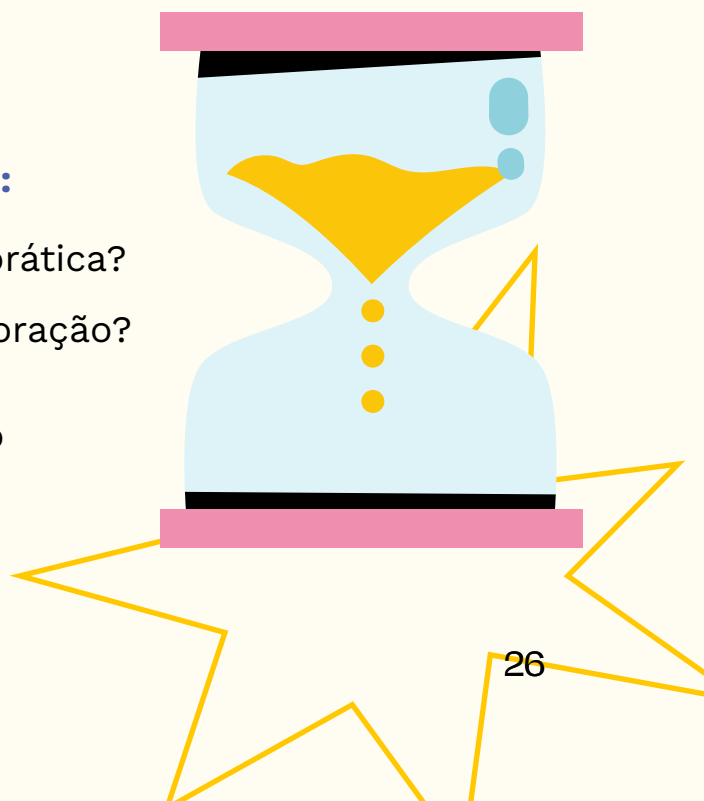
Na perspectiva bioecológica, essa dimensão está ligada ao tempo (cronossistema), ou seja, mudanças que se constroem ao longo do tempo.

Agora é individual:

Escreva uma carta para você mesmo(a):

- O que você deseja mudar na sua prática?
- Como pretende fortalecer a colaboração?

Essa carta representa um compromisso com a transformação.



Encerramento

Agora complete:

- Hoje eu percebi que colaboração é...
- Na minha escola, precisamos avançar em...

Leve para sua escola:

- ✦ Crie um momento fixo de planejamento coletivo
- ✦ Defina estratégias de comunicação entre profissionais
- ✦ Registre decisões pedagógicas compartilhadas

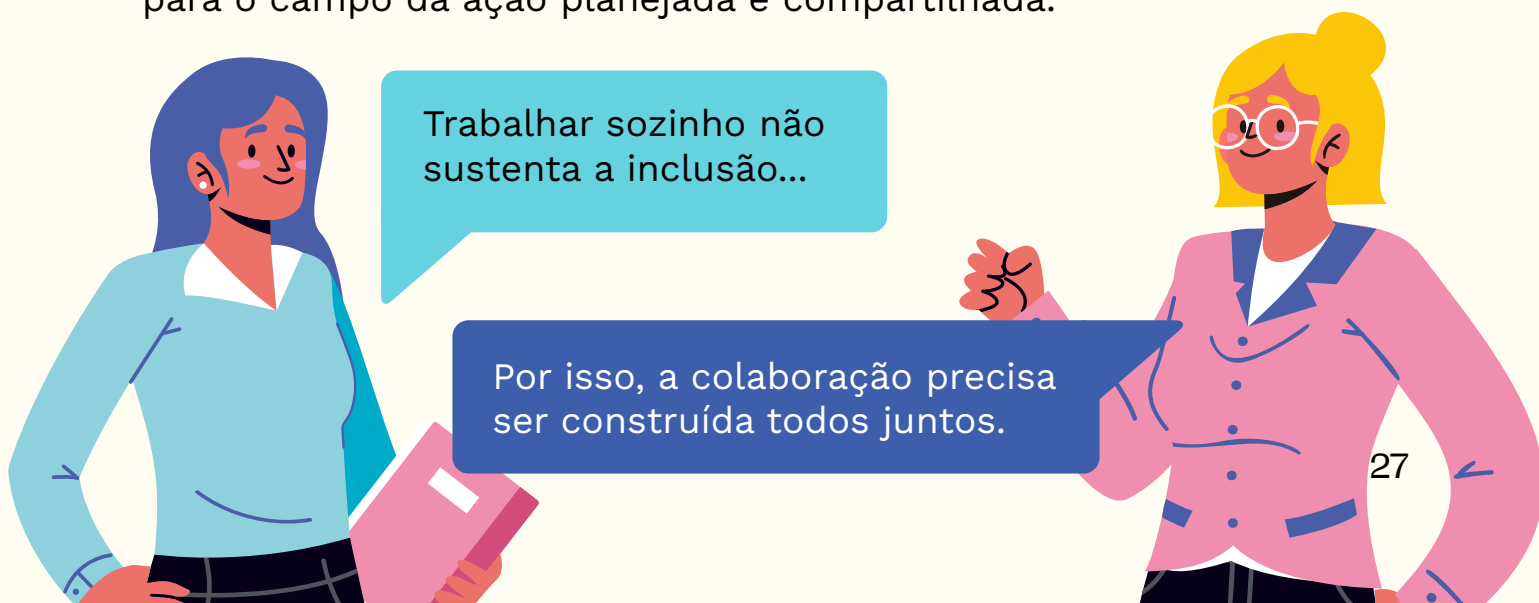
Checklist da colaboração

Sua escola:

- ☐ possui momentos de planejamento coletivo
- ☐ promove diálogo entre professores e equipe técnica
- ☐ envolve a gestão no processo colaborativo
- ☐ articula com a rede de apoio externa
- ☐ valoriza o trabalho em equipe

Reflexão sobre a Trilha

A trilha, como um todo, contribui para a produção de conhecimento pedagógico situado ao deslocar a colaboração do plano discursivo para o campo da ação planejada e compartilhada.



Trilha 3

Formação e Articulação da Rede de Apoio



A formação continuada é um dos pilares da inclusão. Ela nos permite revisar saberes, ampliar repertórios e fortalecer a articulação entre os profissionais que compõem a rede de apoio.

Nesta trilha, o foco está na construção de práticas colaborativas e inovadoras que respondam às demandas reais das escolas e dos territórios.

Ao refletir sobre nossos percursos formativos, acessamos não apenas o que aprendemos, mas também o que ainda precisamos aprender.

Escuta entre pares

Compartilhamento de experiências

Criação de protótipos de ação

Revelam o potencial transformador da formação quando ela é feita com sentido e propósito.

A rede de apoio não é estática: ela está em movimento, pulsando com os fluxos de informação, os canais de comunicação e os compromissos que assumimos.



Que esta trilha nos inspire a fortalecer nossos elos, ampliar nossas conexões e assumir, juntos, a construção de uma cultura inclusiva.

Momento de reflexão:

Aprender e Ensinar em Rede

Refletir sobre inclusão é, acima de tudo, falar de humanidade. Nesse contexto se entrelaçam histórias, sonhos e desafios, e é também nesse espaço que emerge a necessidade de pensar sobre os saberes que sustentam a inclusão e a formação continuada dos profissionais da educação.

A inclusão não é apenas uma prática pedagógica; é um compromisso ético e social. Exige a capacidade de aprender continuamente, de revisitar certezas e de abrir espaço para novas perspectivas. Ao dedicar-se à formação permanente, reconhece-se que ensinar é também estar disposto a aprender — aprender com os alunos, com os colegas e com a comunidade que nos cerca.

Fortalecer os mecanismos de articulação da rede de apoio escolar é essencial. Nenhum educador caminha sozinho. A construção de uma escola inclusiva depende da cooperação entre professores, gestores, famílias e profissionais de diferentes áreas. É na articulação dessa rede que se encontram suporte, inspiração e caminhos para enfrentar os desafios que se apresentam.

Assumir o protagonismo na construção de práticas colaborativas e inclusivas significa reconhecer o valor da própria voz, da ação e da presença na transformação da realidade escolar. Ser protagonista não é agir isoladamente, mas compreender que cada gesto, cada escolha e cada prática pedagógica podem abrir portas para uma educação mais justa, acolhedora e significativa.



Que este espaço seja sempre de reflexão, de partilha e de fortalecimento coletivo. Que dele surja não apenas inspiração, mas a convicção de que juntos é possível construir uma sociedade que acolhe, que ensina e que transforma.



Formação e Articulação da Rede de Apoio

Objetivo da Trilha:

Refletir sobre os saberes necessários à inclusão escolar, fortalecer a formação continuada e analisar como a rede de apoio pode se organizar de forma mais articulada, colaborativa e sustentável.

Vamos começar!

- ✦ O que você aprendeu sobre inclusão ao longo da sua trajetória?
- ✦ O que ainda sente que precisa aprender?

1. Cartas Formativas

Essa atividade revela que a formação não está pronta, ela é construída ao longo da prática.

Ao reconhecer aprendizagens e lacunas, damos um passo importante para o desenvolvimento profissional.

Pare, pense

O que aprendi sobre inclusão

O que ainda preciso aprender

Agora, compartilhe com o grupo!



2. Mural de Formação Continuada

Em grupo, construam um mural com temas que precisam ser aprofundados e formas de formação (cursos, encontros, trocas, etc.)

Observe o mural:

- As formações atendem às necessidades reais da escola?
- Os professores participam da construção dessas formações?

A formação continuada precisa fazer sentido para quem está na prática.

3. Laboratório de Ideias Inclusivas

Esse momento estimula a criatividade, a troca de experiências e a construção coletiva de soluções

Em grupos, criem uma proposta prática:

- ✦ projeto
- ✦ ação pedagógica
- ✦ intervenção colaborativa



A ideia é transformar reflexão em ação.

4. Rede em Movimento.

Desenhe como funciona a rede de apoio da sua escola:

- Quem se comunica com quem?
- Como essa comunicação acontece?
- A comunicação é clara ou fragmentada?
- Existem canais formais ou apenas informais?

Ferramentas discutidas:

- ✦ WhatsApp e suas limitações para comunicação institucional.
- ✦ E-mail institucional e reuniões intersetoriais.
- ✦ Plataformas colaborativas e espaços de escuta.

5. Instrumento de articulação da rede de apoio

Para que o trabalho colaborativo se efetive no cotidiano escolar, não basta apenas reconhecer a importância da rede de apoio, **é necessário organizar, registrar e acompanhar as ações desenvolvidas coletivamente.**

Muitas vezes, a fragmentação das práticas ocorre não pela ausência de profissionais, mas pela falta de sistematização das informações, de definição de responsabilidades e de acompanhamento das ações realizadas. Nesse sentido, o registro pedagógico assume um papel fundamental na consolidação de práticas inclusivas.

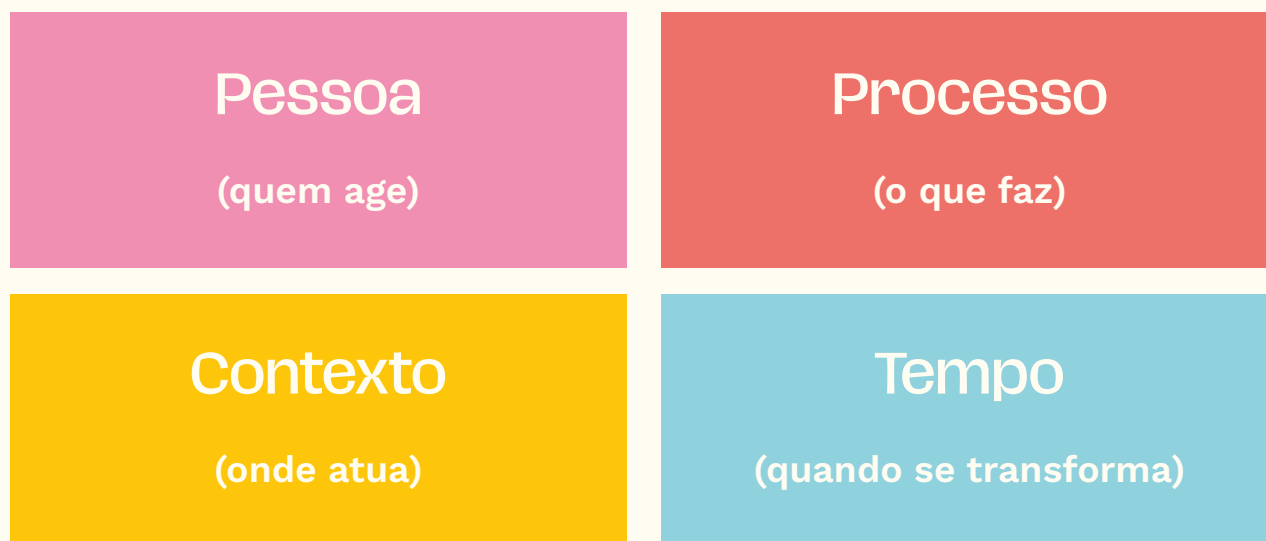
Organizar o trabalho em rede implica: tornar visíveis as demandas dos estudantes, identificar os profissionais envolvidos, estabelecer canais de comunicação, planejar ações conjuntas e acompanhar os encaminhamentos realizados.

Para apoiar esse processo, sugere-se a utilização de um instrumento de registro e acompanhamento da rede de apoio (ver Anexo 1), que possibilita **estruturar o planejamento colaborativo e fortalecer a articulação** entre os diferentes contextos que envolvem o estudante.

6. Minha ação na rede

Esse momento transforma reflexão em compromisso.

Na perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, articulamos:



Cada participante define uma ação concreta, algo que pode fazer para fortalecer a rede de apoio.

Registre e compartilhe com o grupo.

Encerramento

Agora complete:

- Hoje eu compreendi que formação é...
- Para fortalecer a rede, eu vou...

Leve para sua escola:

- ✦ Criar momentos de formação continuada
- ✦ Definir fluxos de comunicação da rede
- ✦ Registrar decisões coletivas
- ✦ Fortalecer articulação com serviços externos

Checklist da inclusão

Sua escola:

- ☐ promove formação continuada significativa
- ☐ envolve professores nas decisões formativas
- ☐ possui canais de comunicação definidos
- ☐ articula com a rede externa
- ☐ compartilha responsabilidades

Percebo que ainda tenho muito a aprender sobre inclusão...

Exatamente. A formação se fortalece quando é coletiva, e a rede de apoio se constrói quando cada um assume seu papel nesse processo.



ACESSE O MATERIAL COMPLEMENTAR:

[Apresentação em slides nos grupos focais](#)



Autoavaliação Final

Como está minha prática hoje?

Ação	SIM	EM PARTE	NÃO
Trabalho de forma colaborativa			
Conheço minha Rede de Apoio			
Registro ações coletivas			

Possibilidades de uso institucional

O presente caderno pode ser utilizado em diferentes contextos institucionais, como: formações continuadas promovidas por Secretarias Municipais de Educação; encontros pedagógicos e horários de trabalho coletivo; cursos de extensão universitária; e ações intersetoriais envolvendo educação, saúde e assistência social.

Sua estrutura em trilhas permite adaptação às especificidades de cada território, respeitando tempos, demandas e configurações institucionais.

Resultados esperados da implementação do Caderno de Práticas Pedagógicas Inclusivas



Maior integração entre profissionais — fortalecer o trabalho colaborativo entre educadores, gestores e rede de apoio, superando o isolamento profissional.



Atendimento integral às necessidades dos estudantes — garantir práticas pedagógicas que respondam de forma efetiva à diversidade e às especificidades de cada estudante.



Fortalecimento da cultura inclusiva — consolidar a inclusão como valor institucional, transformando a escola em espaço de pertencimento para todos.



Participação ativa das famílias e comunidades — envolver famílias e comunidade escolar como parceiros na comunicação de práticas inclusivas sustentáveis.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, DF: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Plano Nacional de Educação – PNE 2011-2020. Brasília, DF: MEC, 2014. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2025

BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela A. The bioecological model of human development. In: DAMON, William; LERNER, Richard M. (org.). Handbook of child psychology. 6. ed. New York: Wiley, 2006. p. 793–828.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Educação inclusiva: construindo sistemas educacionais inclusivos. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33, p. 387–405, 2006.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A educação inclusiva no Brasil. Revista Educação Especial, v. 23, n. 38, p. 37–46, 2010.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A escola e a educação inclusiva. In: GLAT, Rosana; BLANCO, Rosana da Silva (org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2017. p. 37–53.

MITTLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

Ficha de articulação da rede de apoio escolar

1. Identificação

Nome do estudante: _____

Turma/Ano: _____

Escola: _____

Professor(a) responsável: _____

Data do registro: ____ / ____ / ____

2. Demanda identificada

Descreva de forma objetiva a necessidade observada:

3. Contexto da situação

Dimensão	Descrição
Sala de aula	
Relação com a família	
Apoios externos	
Organização institucional	

4. Mapeamento da rede de apoio

Profissional/ Setor	Função	Acompanha?		Contato
Professor(a)		SIM ☐	NÃO ☐	
Coordenação		SIM ☐	NÃO ☐	
AEE		SIM ☐	NÃO ☐	
Família		SIM ☐	NÃO ☐	
Saúde		SIM ☐	NÃO ☐	
Assistência social		SIM ☐	NÃO ☐	
Outro:		SIM ☐	NÃO ☐	

5. Situação da comunicação

A comunicação entre os profissionais ocorre?

() Sim () Parcial () Não

Como acontece?

- () Reuniões
- () WhatsApp
- () E-mail
- () Não há comunicação estruturada

Dificuldades encontradas:

6. Plano de ação colaborativo

Ação	Responsável	Prazo	Acompanhamento

6. Plano de ação colaborativo

Data	Ação realizada	Resultados	Ajustes necessários

8. Avaliação da rede

- () Rede articulada
- () Rede parcialmente articulada
- () Rede fragmentada

Justificativa:

9. Encaminhamentos

Momento de reflexão

Após o uso do instrumento, reflita com o grupo:

- A rede está funcionando de forma integrada?
- Quem ainda precisa ser incluído?
- As ações estão sendo acompanhadas coletivamente?
- O estudante está no centro das decisões?